

A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO, E AS CENAS DO DRAMA HUMANO NOS SERINGAIS

Marcondes Cabral de Abreu (UFAM)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)

RESUMO:

Este artigo propõe uma leitura do romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, explorando a transfiguração do drama humano nos seringais amazônicos a partir das cenas mais expressivas da obra. Busca-se também entender a importância do romance para a formação da literatura no Amazonas e o retrato das condições a que muitos seringueiros tiveram que se submeter em prol de uma condição de vida diferente da que tinham no sertão. Além disso, relacionar a condição desse homem com a decadência do ciclo da borracha no qual o romance se passa.

Palavras-chave: Ferreira de Castro; *A Selva*; Ciclo da borracha; Seringais; literatura amazonense.

ABSTRACT:

This article proposes a reading of the novel *A Selva*, Ferreira de Castro, exploring the transfiguration of human drama in Amazonian rubber from the most significant scenes of the work. Also seeks to understand the significance of the novel to the formation of literature in the Amazon and the picture of the conditions that many had to submit in support of a condition other than it had in the backcountry life. Moreover, relating the condition of this man with the decay of the rubber boom in which the novel is set.

Keywords: Ferreira de Castro; *A Selva*; Rubber boom; Rubber; Amazonian literature.

1 Ferreira de Castro e sua obra

O escritor português José Maria Ferreira de Castro nasceu em Portugal em 1898 e viajou para o Pará quando tinha doze anos de idade, em 1910. O seu romance *A Selva* foi publicado em 1930 e teve grande repercussão no Brasil e em Portugal, sendo traduzido em diversos países, como Bélgica, França, Alemanha, Romênia, Itália, Estados Unidos, Canadá, entre outros.

Ferreira de Castro, quando veio ao Brasil, era órfão e tinha somente a educação primária. No Pará, o seu intuito era trabalhar na casa comercial de um tio que morava em Belém. Esse tio fez com que ele se engajasse a ir trabalhar como guarda-livros no seringal Paraíso, localizado no rio Madeira, nas proximidades de Humaitá. Lá ele pôde presenciar o estado de escravidão em que viviam os trabalhadores na extração do látex e a violência física

a que estes eram submetidos. E não por acaso podemos encontrar todos esses elementos em *A Selva*. Conforme Teixeira (2009, p. 11), “ali Ferreira de Castro conheceu e vivenciou intensamente o extremo da condição humana que fizera da economia da borracha uma economia predatória e de enclave, cujos resultados estavam voltados para fora”. Para Guedelha (2008, p. 29), as cenas e flagrantes que o escritor testemunhou “mais tarde seriam recriados pela pena vigorosa do artista, transformando-se no romance *A Selva*, considerado por muitos a sua obra-prima”. Nesse sentido, é importante não confundir o que está descrito na obra com a vida empírica do autor. Primeiramente porque se trata de uma obra ficcional e, em segundo lugar, por que a obra foi escrita muitos anos depois que Ferreira de Castro havia deixado o Brasil. Segundo Lima (2009, p. 222)

É preciso ressaltar que um fator distintivo na obra de Ferreira de Castro é a proximidade da experiência no seringal ao trabalho de criação da obra. O autor viveu no seringal Paraíso de 1912 a 1913 e escreveu *A selva* em 1929, dezesseis anos depois, portanto, de sua estada no seringal. Como ele próprio informa, as sensações que lhe imprimiram essa experiência estavam vívidas em sua lembrança e os momentos de dificuldades que passou em Portugal, antes de escrever a obra.

É importante afirmar que, mesmo tendo um olhar estrangeiro sob a Amazônia, Ferreira de Castro deu novos ares à literatura amazônica, até então completamente envolvida pelo paisagismo inócuo e sem praticamente nenhum enfoque das condições de vida dos trabalhadores nos seringais. Ele foi um dos pioneiros a explorar essa questão, e só esse fato já é suficiente para tornar a obra bastante meritória, pelo seu teor de humanismo.

Em um estudo que desenvolveu sobre Ferreira de Castro e sua obra, Guedelha (2008, p. 28) lembra ele é “geralmente apontado como um dos expoentes, na literatura portuguesa, de uma tendência surgida nos anos 40, denominada de ‘Neorrealismo’. Trata-se de uma escrita pós-modernista, que floresceu nas proximidades da Segunda Guerra Mundial e tem no romance a sua expressão mais proeminente”. Em torno dessa tendência, segundo ele, gravitavam

autores que rejeitavam a arte presencialista (de teor introspectivo), revelando uma nítida influência norte-americana e, principalmente, brasileira, pois os romancistas de 30, escrevendo sobre o Nordeste brasileiro e seus problemas, inspiraram os portugueses a propor, em contraposição ao psicologismo em voga em Portugal, uma literatura engajada, de coloração social, objetivando denunciar as injustiças sociais e a exploração do homem pelo homem. Dessa forma, a luta de classes vai preencher as páginas dos romances, e as personagens passam a representar os embates

entre patrões e empregados, trabalhadores e senhores de terra (GUEDELHA, 2008, p. 28).

Massaud Moisés (2001, p. 273), discorrendo sobre o neorealismo português, dá o seguinte esclarecimento:

foi um movimento em que se restaurou a ideia de literatura social, de ação reformadora consciente, literatura *engagée*, a serviço da redenção do homem do campo ou da cidade, injustiçado e humilhado por estruturas sociais envelhecidas: os neorealistas punham o problema da luta de classes, na equação senhor x escravo, que se desgastou à custa de tanto ser repetida, e que não raro atrofiou a estrita carga literária de certas obras, transformando-as em panfletos.

Mas em Ferreira de Castro, embora ele aborde a luta de classes, não há esse panfletarismo de que fala Massaud Moisés. Seu texto é sóbrio e enxuto. E ele procura como personagens

os que sofrem as injustiças sociais, todos quantos, esmagados pelas condições adversas, clamam por atenção menos fria, o que significa apelo constante ao calor humano. Simples, humildes e desgraçados sempre, quer sejam do Amazonas, do interior de São Paulo, quer das zonas frias da Serra da Estrela, une-os a mesma infelicidade de serem párias sociais, irmãos apesar de toda diferença temporal ou geográfica. Romance social, documentário ou reportagem, sua obra contém um testemunho contemporâneo das classes inferiores em luta dentro da moderna organização social (MASSAUD MOISÉS, 2001, p. 274).

A esse respeito, Souza (2010, p. 135-136) afirma que

Ferreira de Castro, com *A selva*, resumiu os trinta anos de loucuras nos seringais. Experimentou, ele mesmo, o destino de ser personagem. Mas não era um homem extravagante, possuía um sentido muito grande do que estava acontecendo. Sua literatura, apesar de essencialmente diferente, tinha muito a ver com o que de mais vivo estava sendo feito no Brasil. Em lugar da necrofilia parnasiana, ele estava sintonizado com o espírito de Euclides da Cunha, Alberto Rangel e Alberto Torres. O romancista, também seringueiro, tirou sua literatura desse cadinho de irritação que os melhores intelectuais brasileiros cultivavam, naqueles anos de republicanismo falido e provincianismo ideológico.

Ferreira de Castro vivenciou e inovou, quebrando o ciclo de uma literatura amazonense voltada em torno do parnasianismo e da ostentação. Ele foi a fundo e fez o que muitos da época não tiveram coragem de fazer, que foi a investigação e descrição dos

seringais. Em *A Selva*, focaliza o trabalho do seringueiro, sua vida e as suas privações, dentre elas a sexual, as ameaças de um meio sombrio e de habitantes em constante sofrimento e escravidão por parte dos seringalistas. Souza (2010, p. 136) destaca muito bem o papel o romance teve no desenvolvimento da incipiente literatura amazônica:

A selva é o romance de um homem aparentado a este espírito absurdo, filho desta solidão siberiana, de rios imensos, esperanças que iam morrendo na rotina miserável do corte da seringa, o silêncio. Ferreira de Castro escreveu a plena realização do silêncio que aguentou todo o peso do alarido de Manaus. Ele arrancou da clandestinidade este frio deserto e, com ele, a literatura amazônica marcou o seu primeiro encontro público com os leitores do mundo.

Mas por que ele só trouxe a público a sua história 15 anos depois de dar adeus ao seringal Paraíso?¹ O próprio autor responde a essa pergunta, ao dar o seguinte depoimento sobre a história:

Durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que ainda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma larga confissão, uma existência exposta ao Sol, que eu próprio julgo seria inútil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi.²

Acrescenta que esse “velho terror” tomou conta dele toda vez que tentou se aproximar da selva amazônica nos seus primeiros escritos. Ali estavam, velados pelo tempo e a distância, os estigmas de uma vida, como feridas doloridas nas quais é sempre penoso se mexer. Depois que decidiu se sentar à mesa para escrever sua história, ele ainda levaria sete meses para terminá-lo, dadas as sucessivas interrupções a que se viu obrigado. O trabalho de escrita do livro iniciou-se em 9 de abril e só foi concluído em 29 de novembro de 1929, como informa o autor no seu prefácio. E a sua publicação se daria no mês de maio de 1930. Para ele, escrever o romance foi como um doloroso exercício de beber do seu próprio sangue, utilizando como taça a forma literária. Mas depois de tudo, com o espírito mais serenado, podia entender que o seu *A Selva* era um autêntico “drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza” e que estava destinado a ser “uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida

¹ O romance *A Selva* foi escrito no ano de 1929 e publicado no ano seguinte, 1930, 15 anos depois que o autor havia deixado o seringal do rio Madeira.

² Depoimento no prefácio da 37ª edição da obra, p. 19.

sugestão.”³ Sendo assim, podemos entender as cenas e flagrantes desse incrível romance como pequenas cenas do drama humano que, juntas, formam um painel evocativo da grande dor que assola os homens.

2 Cenas do drama humano nos seringais

Percebe-se na obra uma tentativa do narrador em descrever e apreender ao máximo possível os pormenores do submundo dos seringais naquele momento pelo qual passava o Amazonas durante o ciclo da borracha. São esses pormenores que constituem as pequenas cenas do grande drama humano, entre as quais passamos a enfocar as que seguem.

a) A perene situação de escravidão por dívida dos seringueiros: personagens como Firmino e Agostinho retratam a figura do nordestino que foi aliciado na sua terra natal, recebendo promessas de fazer fortuna com a extração do látex para poder dar condições dignas à sua família quando retornasse ao Nordeste. O que raramente acontecia, isso já no período de declínio da borracha, porque ele já começava a viagem rumo à Amazônia devendo, sendo que, mesmo com anos de trabalho, não conseguia jamais pagar o que devia.

Ferreira de Castro buscou usar uma linguagem coerente e pensada para tecer críticas à realidade que ele tanto tentava apreender e que lhe era tão singular e diferente de tudo que havia conhecido. A obra faz um relato da extorsão, da escravidão presente em muitos seringais durante o ciclo da borracha. O nordestino, quando chegava ao seringal, era chamado de “brabo”, porque quando chegava lá via que nada daquilo que lhe havia sido prometido era verdade, tudo ilusão. Sem perspectivas de mudanças e até mesmo de retornar à sua terra, eles se tornavam “mansos” e só trabalhavam para sobreviver e tentar pagar a dívida crescente com o seringalista Juca Tristão.

Além disso, ele tinha que ficar atento para sobreviver naquele espaço que lhe era tão estranho e em tudo diferente do sertão. Tomar cuidado na extração do látex para não matar a árvore, cuidado ao andar na mata porque havia o perigo de um ataque dos índios ou até mesmo de cobras ou onças que estavam sempre na iminência de aparecer pelo seu caminho.

Em virtude disso, a colheita, a pescaria, a bebida, as festas, os encontros sociais são condições que acabam por aliená-lo em meio a um espaço sombrio e distante. Prova disso é o fato de a cachaça ser o produto mais vendido no barracão que chegava a ser mais requisitado do que a própria comida, porque esta era extremamente cara. E a cachaça era um meio

³ Idem, p. 20.

encontrado para extravasar tudo aquilo que eles repreendiam: “A chicha e a cachaça começavam por estimular, tornando justificáveis, nos cérebros incandescidos, todas as aberrações; depois amolengavam-nos, apresentando-lhes como facilidade vindoura o impossível e como breves certezas as mais indizíveis esperanças” (p.119).

b) As pressões do meio e a animalização do homem: Protagonista do romance, Alberto era um jovem português de 26 anos, estudante do 4º ano de Direito, que se exilara em Belém para fugir da perseguição policial do seu país, por ter participado da Revolta de Monsanto e por defender ideias monarquistas na recém fundada República. Alberto morava com o tio, senhor Macedo, também português, dono de um sórdido hotel para seringueiros na capital paraense. Sendo um homem extremamente ganancioso, Macedo encarava o sobrinho desempregado como um estorvo, um peso a suportar, um fator gerador de despesas desnecessárias. Com a iminência da partida do navio rumo ao rio Madeira, Macedo aproveitou o ensejo para se livrar de vez do sobrinho incômodo: propôs ao Balbino, o agenciador, que o levasse no lugar de um dos sertanejos que haviam fugido durante a viagem até ali. Como mandava a praxe daquele comércio singular, Alberto teve que assumir a dívida do cearense que fugira, ingressando, em seu lugar, no gaiola que levaria os “brabos” ao seringal.

Enquanto viaja no porão imundo do navio em direção ao Seringal Paraíso, Alberto sente-se superior aos seus “companheiros” de viagem na terceira classe. Eis o que ocupa o seu pensamento:

E sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e o haviam tirado para o exílio. Retóricos perniciosos! Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o mundo. Via-se o que tinham feito! Tudo na mesma, sempre a mesma violência, a demagogia até. E ainda havia os que queriam ir mais longe no desvario, destruindo fundo os caboucos sociais, desmoronando uma obra construída e cimentada pela velha experiência dos séculos. E para quê? Para quê? Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida coletiva a beleza e a elevação que podia ter? Se a possuírem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante. Mas não. Mas não. Era o seu meio e, se as transplantassem, ficariam tímidas, desconfiadas e murchas, como bichos selvagens nos primeiros dias de jaula. Ele e os seus, declarados inimigos da igualdade, defensores das elites, eram bem mais amigos dessa pobre gente do que os outros, os que a ludibriavam com a ideia duma fraternidade e dum bem-estar que não lhe davam nem lhe podiam dar. Só as seleções e as castas, com direitos hereditários, tesouro de famílias privilegiadas, longamente evoluídas, poderiam levar o povo a um mais alto estádio. Mas tudo isso só se faria com autoridade inquebrantável – um rei e

os seus ministros a mandarem e todos os demais a obedecer. O resto era família maléfica de sonhadores ou arruaceiros. Ah, se os outros estivessem ali! (p. 41-42)

Alberto considerava aqueles que estavam a bordo do navio Justo Chermont, a maioria proveniente do Ceará e Maranhão, como inferiores. Pessoas consideradas selvagens e assujeitadas pelo meio e que não adiantava mudá-las de ambiente porque elas sempre carregariam um certo “primitivismo”. Por isso, Alberto considerava absurda a ideia de igualdade entre as pessoas e defendia as elites, não por acaso ele também pertencia à elite portuguesa da época e, assim como seu pai, havia se exilado para não compactuar com aqueles que defendiam a República. Em virtude disso, ele chegou até a recusar cargos públicos para não ser complacente com o advento da República. Mas depois de meses no seringal, ele percebe que todas as suas convicções, dentre elas a superioridade em relação aos nordestinos, começaram a ruir pela inescapável pressão do meio. Ele, que presenciou enojado cenas de zoofilia, pedofilia, e outros tipos de perversão sexual motivados pela ausência da fêmea nos seringais, via-se agora atacado pela mesma lubricidade que antes repudiava enfaticamente. Um exemplo dessa situação ocorre quando ele tenta copular com a sexagenária Nhá Vitória, mãe do seringueiro Alexandrino, cena assim descrita pelo narrador:

A velha preta estava ali, a sós com ele; no seu peito enfebrecido, soavam mil esperanças de triunfo e era propícia, como nunca, a sombra da noite que caía. Levantou-se da rede e dirigiu-se para a sua mala, onde havia, sobre a tampa, lugar para dois.

- Sente-se aqui, nhá Vitória.

E ao lado dela, em cavilações sucessivas, com a mão a afagar-lhe o engelhado braço, foi experimentando o seu caminho.

Mas a velha ergueu-se de repente, ao compreender a intenção:

- Você é um sem-vergonha! E é você meu compadre! Se isso é coisa que se diga a uma mulher da minha idade! Deus lhe há-de castigar! (p. 176-177)

Após esse episódio, Alberto chega à conclusão de que, se ele não saísse daquele meio, logo seria influenciado novamente pelos instintos e voltaria a ser comportar daquele jeito, o que o colocaria em pé de igualdade com os outros, de quem ele tanto julgava ser superior. Ou seja, o meio determinando a condição do homem que acaba por se animalizar:

Viu o seu rosto magro e comprido, o olhar perturbado, o cabelo em ondas, farto e negro; e pareceu-lhe repugnante que essa imagem tão familiar fosse a do mesmo homem que ele havia sido pouco antes, que já tinha sido outra vez e voltaria porventura a ser mais vezes ainda se não partisse dali. Afirmava a si mesmo que a responsabilidade não era dele, era do meio, era essencialmente da Natureza (p.177).

c) A visão exógena do caboclo como indolente: Lourenço é uma personagem representativa na narrativa. Ele é o único caboclo que vive no seringal povoado de nordestinos. Diferentemente dos arrivistas, Lourenço não é movido pela sede de obter grandes quantias de dinheiro. A descrição desse caboclo pelo narrador reflete uma visão, bastante recorrente até mesmo nos dias de hoje, de um homem apático, sem grandes ambições:

Cortado o grande peixe em mantas, secas no “jirau” e vendidas na cidadezita mais próxima as que sobejavam do alimento quotidiano, o caboclo adquiria sal, farinha e cachaça – e enquanto a provisão durasse vivia descuidado e não voltava a trabalhar. A cachaça, para uso diário, e um baile, de quando em quando, para desentorpecer as pernas, em qualquer barraca das margens, constituíam as suas únicas aspirações (p.46).

É interessante notar que *A Selva* é um relato de um português, ou seja, um estrangeiro, olhando de fora para um meio diferente de tudo aquilo a que ele estava acostumado. Portanto, é a visão de um estrangeiro sobre a Amazônia. Lourenço, por não se encaixar na ótica do modelo extrativista da época, é visto como preguiçoso e sem grandes aspirações, preocupado em ter somente o necessário para a sua sobrevivência diária.

Alberto, também com o seu olhar de estrangeiro, ao pensar sobre os agentes que haveriam de levar o progresso à região, observa que

[...] o cearense não serviria: chegava sempre com alvoroço, zupa-zupa, a ânsia de obter dinheiro para o regresso a dominar todos os seus atos. Ficava, era certo. Ficava vencido pela desilusão, mas em indolência, em renúncia a tudo quanto não fosse de êxito imediato. Considerava-se prisioneiro, sentia-se abandonado e com a resignação forçada entregava-se ao pessimismo daqueles que viram truncado o destino. O indígena amazônico mostrava-se mais inativo ainda. Indiferente, na sua humildade, por todos os bens terrestres, nem mesmo a extração da borracha, que fora ouro, o atraía jamais (p.189).

Surge então um questionamento. Quem se adaptaria a uma região tão desconhecida, perigosa e que constantemente tentava expulsar aqueles que a tentavam invadir, explorar e obter benefícios? Segundo Lima (2009, p. 143),

[...] Lourenço é o símbolo do homem nativo. Indiferente à sede de enriquecimento, sua existência se orienta apenas pela posse de uma barraca, uma mulher e uma canoa. Os homens nordestinos que vêm desbravar a selva, atraídos pela promessa de enriquecer, despertam-lhe piedade, pois ele os vê sucumbirem vencidos pelo meio que lhes é adverso. A vida na selva só é fácil para ele que letargicamente aceita viver sem ambições.

d) Os acirramentos entre o homem e o meio: em *A selva*, o homem é retratado como invasor, um intruso, um agressor da selva. Ela, para se defender da invasão indesejada, aprisiona esse homem, transformando-se em um espaço de enclausuramento, uma selva que domina e faz com que ele perca as proporções daquilo que seria considerado normal. Portanto, a floresta tem no homem uma ameaça que precisa expulsar:

A selva não aceitava nenhuma clareira que lhe abrissem e só descansaria quando a fechasse novamente, transformando a barraca em tapera, dali a dez, a vinte, a cinquenta, não importava a quantos anos – mas um dia! Seria pelo esgotamento das seringueiras, seria pela intervenção dos selvagens, chacinando os desbravadores, seria por outro motivo – mas seria! A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta que eles julgavam, ilusoriamente, ter vencido com a sua atividade, o seu sacrifício e a sua ambição. (p.123)

Imagem comum na literatura *da e sobre a* Amazônia, no romance de Ferreira de Castro a selva configura-se como um contraespaço que, personificado, encara o homem como o invasor que a agride, e, numa expressão de autodefesa ou vingança, faz de tudo para aniquilá-lo, estrangulá-lo. “Dir-se-ia que a selva, como uma fera, aguardava há muitos milhares de anos a chegada de maravilhosa e incognoscível presa” (p. 77). Somada ao fato do acirramento da exploração capitalista, a selva aprisiona o seringueiro em sua prisão de paredes verdes. Daí o fato de o narrador utilizar insistentemente termos que remetem à ideia prisão, como “muralha verde” (p. 67, 94, 139), “masmorra verde” (p. 112), “cárcere verde” (p.136) etc.

Há inúmeras passagens que exemplificam esse sentimento de total enclausuramento na floresta, como no trecho que segue: “O resto era a selva, com a sua vida sombria, ali pertinho, muito pertinho, fechando-se num anel estrangulador.” (p. 94). Era a selva dominadora onde “tudo perdia as proporções normais” (p. 62). Numa irreversível dinâmica de determinismo do meio sobre o indivíduo, os homens, naquele espaço *sui generis*, acabavam animalizando-se.

e) A total sujeição do homem ao regime das águas: ao descrever uma das enchentes no Paraíso, Ferreira de Castro pesa a mão nas metáforas, personificações e hipérboles, com vistas a enfatizar, através dessas imagens, o aguaceiro em que a selva se transformava em períodos como aquele.

As grandes águas são descritas como um ser faminto, em cuja gula insaciável toda a natureza vegetal e animal é vitimada. “O manto aluvial, descendente do bíblico, invadia lentamente, soturnamente, a selva arrepiada”. (Idem) Os comportados igapós, de águas mortas

no verão, incham-se, expandem-se e perdem os seus contornos, como num passe de mágica. A água invasora, inimiga cruel, expulsava os animais de suas moradas, e deixava os homens ilhados, de mãos atadas: “Vivia-se em cima de água, que se via pelas frinchas do soalho, fincado sobre os espeques; e os caboclos que no verão amarravam a canoa a quinhentos metros de distância, lá no fundo da ribanceira, tinham-na agora junto à porta, e chovia, chovia” (p. 122).

A enchente durava meses, e o fazendeiro precavido construía logo as marombas para proteger seus animais da sanha destruidora das águas, mas até as marombas, apesar de sua estratégica elevação, eram invadidas pelas águas inclementes: “bois e vacas, primeiro com as patas, com o ventre depois, mergulhados no inimigo, acabavam por tombar de inanição e ser lançados ao rio, para gáudio de piranhas e candirus” (p. 122).

As plantações realizadas pelos seringueiros ao longo do verão também eram destroçadas, e a colheita que não fosse feita a tempo, era destruída por completo: “Trepava a água às viçosas plantações, depenando toda a terra que braços fortes tinham roçado para a obra da criação. E os mais desprevenidos viam até ir na corrente, desfeito com vigor daninho, o lar que haviam fundado ao alcance da intrusa. Era a desolação e era a pobreza que a grande toalha impura trazia nas suas dobras” (p. 122).

Dessa forma, o nordestino, oriundo de uma terra assolada perenemente pela seca, tinha que desenvolver um árduo aprendizado de viver sob o regime das águas, transitando entre os dois períodos variáveis do rio, a enchente e a vazante, que constituem o regime climático da região, fazendo-se sentir não só na zona rural, mas também nas cidades, onde os indivíduos sofrem, direta ou indiretamente, seus efeitos.

Enchente e vazante são como uma moeda de dupla face: uma muito triste, às vezes calamitosa, a enchente – casa e pasto alagados, pescaria escassa, muita chuva, fome, miséria, perigos de morte, doenças, ataques de animais do rio, principalmente cobras. Esta estação está relacionada ao inverno, cuja metáfora da toalha impura e suas dobras cheias de desolação nos parece apropriada; a outra face, um pouco menos triste, a vazante, a seca, o verão – época do plantio e da colheita, das pescarias, das festas e dos encontros sociais, momentos de sublimação para aquelas vidas atribuladas.

f) Extrativismo predatório – o caminho rumo à decadência: uma das imagens mais recorrentes no romance é a da decadência. A ação se passa num momento em que o sistema extrativista do látex estava caminhando a passos largos para o presumível fim. Mas os “pobretões sem eira nem beira” que se transformaram, “de um instante para outro, em donos

de casas aviadoras tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de gaiolas” (p. 32), faziam de tudo para ignorar a situação, embalados pela ilusão de eternidade da vitalidade das seringueiras, tão dadivosas mas exploradas predatoriamente. A decadência estava à vista, mas ninguém dava por ela. Mesmo na decadência, ainda era a borracha que movia o sem-número de embarcações que singravam os grandes rios da Amazônia todos os dias. Os coronéis, ávidos pela manutenção do patamar de produção, pressionavam cada vez mais os seringueiros, que, à guisa de Sísifo, carregavam aquele mundo nas costas, empurrando o sonho de regresso ao sertão cada vez mais para longe.

Através do discurso indireto cedido a Alberto, o narrador amplia a visão do leitor sobre a cadeia de exploração, mostrando que ela não se fechava com o coronel: “Era uma exploração em cadeia. A casa exploradora explorava Juca, ele, por sua vez, explorava os seringueiros, que eram, no fim, os únicos explorados. Mas Juca podia, ao menos, protestar, o enquanto aos seringueiros nem sequer isso era permitido” (p. 201). Todavia, sabe-se que a cadeia tinha um elo a mais, além das casas aviadoras, que era o capital inglês, que auferia os maiores lucros (GUEDELHA, 2008).

Evidentemente, esse sistema – por ser predatório – só poderia estar fadado ao fracasso. Não havendo nenhuma preocupação quanto à preservação das árvores, elas iam aos poucos se exaurindo e definhando. Sintomaticamente, próximo ao final da narrativa o leitor toma conhecimento da passagem do *Justo Chermont* pelo Paraíso lotado de japoneses rio Madeira cima, comissionados para “plantar mandioca, cana e milho nos seringais, aí pra cima, nos seringais que dão poucos galões” (p. 188).

Noticiada com abundantes louvores pela imprensa de Manaus, a chegada dos japoneses era encarada como a salvação do Amazonas, pelo gênio agrícola daquela gente. Era o limite que se punha ao sonho de grandeza, com a desvalorização da borracha amazônica, incapaz de concorrer em pé de igualdade com a indústria norte-americana e o cultivo científico do látex. “Era mal sem cura e a ilusão, de tanto esticada, acabou por partir-se”. O Amazonas virara um pesado cadáver e era preciso ressuscitá-lo. Foi então que surgiu a idéia de escalar os japoneses para ressuscitar o cadáver do Amazonas. Diante da passagem dos japoneses rio acima e dos dados esclarecedores do narrador em relação àquele quadro, o leitor recebe um questionamento significativo de Alberto: não estaria se repetindo ali mais um sonho que redundaria em desilusão? “Esses e outros homens, mesmo que fossem heróicos como tantos dos que os precederam”, conseguiriam vencer a luta inglória conta a floresta titânica?

g) Festas e bebidas, as raras concessões à loucura: como anestésicos para a vida de privações de toda sorte que levavam, os seringueiros utilizavam como válvulas de escape a bebida e as festas domingueiras. “A embriaguez periódica”, conseqüentemente, “era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde”. (p. 112) Premidos pelos maus tratos, pela fome, pelo cansaço, pela falta de sexo, pela ausência total de liberdade, era nas festas e na cachaça que buscavam algum momento de sublimação: “a chicha e a cachaça começavam por estimular, tornando justificáveis, nos cérebros incandescidos, todas as aberrações; depois amolengavam-nos, apresentando-lhes como facilidade vindoura o impossível e como breves certezas as mais indizíveis esperanças” (p. 119).

Saboreavam aquele veneno até a última gota, a noite inteira, nas festas domingueiras, abandonando o lugar apenas no amanhecer da segunda-feira, quando eram obrigados a retornar à crua realidade. Era nas festas que a lembrança da terra natal se fortalecia, pelos ritmos da música nordestina e seus instrumentos, pelas danças, pela brincadeira do boi-bumbá, pelos encontros semanais, que possibilitavam as reminiscências da terra distante, de onde a maioria deles tinham vindo. Era nas festas também que apareciam as poucas mulheres, visão rara nos seringais, o que fazia com que os homens ficassem embriagados de lubricidade (GUEDELHA, 2008). Na dança, davam um pouco do seu contato e do seu calor perturbante. “Dilatavam-se os olhos masculinos, os lábios entumeciam-se, a lascívia ia em onda alta, abrangendo todos os movimentos e emprestando a alguns dos rostos súbita expressão de loucura” (p.119). A mistura explosiva de lubricidade com álcool empurrava aqueles homens para um abismo ainda maior, ampliando a sensação de inferno nos momentos posteriores à euforia.

Considerações finais

O romance termina com o incêndio do seringal cometido por Tiago, um ex-escravo que havia ficado revoltado em ver homens em situação semelhante pelas quais ele passara no Maranhão. Esse incêndio não aparece por acaso, ele representa a decadência do período que apesar de todos os esforços, inclusive estrangeiros, não conseguiu se reerguer. Morre sob o fogo o seringalista Juca Tristão, o homem que simbolizava o comando de todo aquele mundo. Ele é a única pessoa a morrer no incêndio. A morte do coronel representa a queda do regime extrativista, exploratório, desmedido, que não tinha mais como se recuperar. Enquanto isso, centenas de nordestinos eram largados à própria sorte na selva distante e sem condições de

retornar à sua terra natal e rever a sua família.

E esse incêndio provocado soa como uma concessão do autor a si mesmo, numa espécie de purgação dos males que sentiu na pele enquanto viveu nos seringais amazônicos. Simbolicamente, o fogo, com seu poder purificador e renovador, punha fim àquele mundo cruel e desumano. Depois de dar a conhecer ao leitor os flagrantes daquele mundo iníquo, dos quais foi testemunha ocular, o escritor português promove a sua vingança, fazendo com que um clarão fenomenal invadisse a noite, desestabilizando os elementos daquele mundo à parte: “já não se via o bananal, apagavam-se, ao longe, os contornos da selva, o rio fundira-se na noite e os troncos cinzentos das três palmeiras começavam a vestir-se de luto” (p. 220). Ao amanhecer, a luz de um novo dia haveria de mostrar um “montão de cinzas que o vento, em breve, dispersaria” (p. 220).

Essa vingança, o autor, no Pórtico, promete realizá-la em nome dos “anônimos desbravadores”, “gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência”. Um livro como vingança. Promessa cumprida.

Em suma, o romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, sintetiza bem o que foi o submundo dos seringais da Amazônia, indo até ao seu aspecto mais cruel e real, com uma linguagem coerente e bastante rica em metáforas para descrever a Amazônia diferente de tudo o que já havia sido feito no Amazonas e marcando definitivamente os caminhos da literatura produzida no Amazonas.

Referências

FERREIRA DE CASTRO, José Maria. *A Selva*. 37. ed. Lisboa: Guimarães Editores Ltda, 1930.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *Flagrantes do Paraíso*, uma leitura do romance *A selva*, de Ferreira de Castro. Revista Novum Millenium, vol. VI, Ano 06. Manaus: ESBAM, 2008.

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do Ciclo da Borracha: A selva, Beiradão e O amante das amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3. ed. Manaus: Valer, 2010.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na Selva – O aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia*. Manaus: Valer/Edua, 2009.